



Evento	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2020
Local	Virtual
Título	Meninos que dançam? Construções de masculinidades através das narrativas de jovens bailarinos
Autor	LAYLA NICOLY MATTOS MEDEIROS
Orientador	ROSEMARIE GARTNER TSCHIEDEL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
NEPPICS - NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PROCESSOS
INSTITUCIONAIS, COLETIVOS E DE SUBJETIVAÇÃO
LAYLA NICOLY MATTOS MEDEIROS
ORIENTADORA ROSEMARIE GARTNER TSCHIEDEL

Meninos que dançam? Construções de masculinidades através das narrativas de jovens bailarinos

A pesquisa trata-se de um recorte de estudo que buscou cartografar os processos de subjetivação na experiência do dançar com jovens de uma companhia de dança do município de Porto Alegre. Ao me encontrar com o campo de pesquisa, pouseu meu olhar nas questões de gênero, enfatizando a construção de possíveis masculinidades (CONNEL, 1995) que passam pelo dançar. A pesquisa se justifica no “entre”, na transversalidade de discursos da psicologia social e institucional, da dança e das masculinidades, campos comumente explorados isoladamente, porém ainda pouco aprofundados de forma relacional. O objetivo do estudo é analisar as construções de masculinidades, através das narrativas de jovens acerca das suas vivências na dança. Apoiada em pistas do método da cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015), foram utilizadas as seguintes ferramentas metodológicas: participação em apresentação da companhia antes da pandemia (Covid-19) e realização de entrevistas semi-estruturadas por vídeo chamada com três bailarinos/as com idade entre 15 e 21 anos residentes em regiões periféricas de Porto Alegre. Considera-se que o processo de subjetivação dos sujeitos (MANSANO, 2009) é atravessado por forças instituídas que historicamente determinam papéis de gênero, implicando nas escolhas de jovens sobre suas práticas corporais e seus modos de viver. A dança, como linguagem artística inscrita na cultura, tende a reproduzir essas representações de gênero. No entanto, de acordo com os resultados parciais da pesquisa, há uma potência do dançar em borrar os limites entre “o que é de menino” e “o que é de menina”, permitindo, ainda, uma abertura ao sensível, que costuma ser dissociada da construção de masculinidade hegemônica. Nesse sentido, verifico que a dança ultrapassa o espaço cênico, tornando possível construir outros significados, como exemplo os determinantes de gênero e masculinidade, contribuindo para que jovens possam explorar suas potencialidades discursivas através da dança.